

A QUESTÃO LITERÁRIA NO JORNAL MAÇÔNICO *O PELICANO*

THE LITERARY QUESTION IN THE MASONIC NEWSPAPER O PELICANO

José Aduino Santos Bitencourt Filho ¹

Jeniffer Yara Jesus da Silva ²

RESUMO: *O Pelicano* (1872-1874) foi um periódico maçônico que circulou em Belém na segunda metade do século XIX e tratou não apenas de assuntos referentes à defesa das doutrinas maçônicas, mas também se ocupou do estudo e da discussão de assuntos científicos, artísticos, literários, industriais e noticiosos. Nesse grupo de temas, o termo Literatura abarcou diferentes produções no Oitocentos. Desta forma, este artigo investiga e analisa de que maneira as produções respectivas ao literário foram presentes na folha maçônica.

Palavras-chave: romance; periódico maçônico; Belém do século XIX.

ABSTRACT: *O Pelicano* (1872-1874) was a Masonic periodical that circulated in Belém in the second half of the 19th century and dealt not only with issues related to the defense of trade union practices, but also with the study of all scientific, artistic, literary subjects, industrial and news. In this group of themes, the term Literature covered different productions in the 19th century. Therefore, this paper investigates and analyzes in what way the respective productions to the literary were present in the Masonic sheet.

Keywords: novel; Masonic periodical; 19th century Belém.

1. INTRODUÇÃO

Em 1822 surgiu o primeiro periódico noticioso em Belém do Pará, *O Paraense*, fundado por Felipe Alberto Patroni Martins Maciel Parente (1798-1866), também fundador da imprensa na cidade. Envoltas em questões políticas, principalmente devido ao período de embates que passava, a província do Grão-Pará não deixou de

¹ Mestrando, UFPA.

² Mestranda, UFPA.

apresentar significativa participação jornalística em sua História. Nesse contexto, inúmeros foram os jornais noticiosos – de longo ou curto período de publicação – e folhas doutrinárias que também surgiram a fim de defender seus ideais e combater aqueles considerados como seus “inimigos religiosos” (O PELICANO, 1872).

Entre os títulos doutrinários está *O Pelicano*³ (1872-1874), periódico inscrito como porta-voz da Maçonaria paraense até meados de 1874 e que tinha como principais objetivos divulgar os ideais maçônicos e defender a maçonaria de ataques comumente feitos por periódicos católicos e protestantes, sendo a folha católica *A Boa Nova*⁴ (1871-1883) a principal fonte desses textos pejorativos.

O embate entre católicos e maçons ocasionou a chamada Questão Religiosa⁵, período em que surgiram diferentes jornais para defender suas respectivas causas; dessa forma, o jornal foi, para a comunidade maçônica, um instrumento de combate aos abusos e excessos do poder clerical, que eram representados pelo jesuitismo, segundo os editores do jornal.

Joaquim José de Assis foi o fundador da folha⁶, também redigida pelo padre Eutíquio Pereira da Rocha, Carmino Leal, cônego Ismael de Senna Ribeiro Nery, Jorge

³ Foi batizado sob o nome de “pelicano” por esta ave representar a caridade, que, segundo os editores do jornal, é um dos traços da maçonaria; e também porque representa o “entranhado afeto” que os maçons possuem pelos seus ideais, o qual se assemelharia ao do pelicano.

⁴ Folha dirigida pelo Bispo do Pará, Dom Macedo Costa. Publicou inúmeros artigos de acusações e difamações à Maçonaria e travou longos embates com *O Pelicano* em seus escritos.

⁵ Segundo Octávio Monteiro: “O começo do conflito da questão religiosa ocorreu em 3 de março 1872, com um escândalo do Padre Almeida Martins, que discursou em perfeito estilo maçônico quando de uma grande festa promovida pelo Grande Oriente do Lavradio para comemorar a Lei do Ventre Livre. Posteriormente, este discurso foi publicado em jornais por todo o Brasil. Na época o Bispo do Rio de Janeiro, D. Pedro Maria de Lacerda, chamou o Padre Almeida advertindo-o sobre a gravidade de seu ato. Pediu que o Padre se afastasse da Maçonaria e se arrependesse de seu discurso. E lembrou ao Padre que a excomunhão é a pena para todo católico que se torna maçom. [...]. Estando assim toda Maçonaria do Brasil unida pela causa, começou uma intensiva campanha contra a Igreja Católica e seus Bispos. Foram fundados inúmeros novos jornais e seguiram-se provocações, difamações, blasfêmias, calúnias e até atos violentos” (MONTEIRO, Octávio. *Dom Vital, a questão religiosa no Brasil e a maçonaria*. Disponível em: <http://www.montfort.org.br/bra/veritas/historia/dom_vital1/>. Acesso em: 15 fev. 2019).

⁶ Nasceu em Conceição do Serro, Minas Gerais, e foi bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela respectiva faculdade de São Paulo. Ao lado de grandes nomes do nosso passado como José da Gama

Sobrinho, entre outros. Além da divulgação e defesa das doutrinas maçônicas, *O Pelicano* tratou de outros assuntos científicos, artísticos, literários, industriais e noticiosos.

Entre os assuntos de interesse ao jornal listados, os termos “literário” ou “Literatura” apareceram em diferentes situações, e remetiam a artigos, poemas e narrativas diversas, todas inscritas na seção *Litteratura* ou *Folhetim*. Porém, a título de esclarecimento quanto à designação dos escritos verificados no jornal, devemos compreender que a noção do termo “Literatura”, como foi empreendido, não é próxima ao conceito moderno atual, “pois sua ‘automatização de outros campos do saber [ainda] estava em curso’ e se processava lentamente, como fica facilmente perceptível nos usos cotidianos de jornais e periódicos(.)”, conforme descrito por Socorro de Fátima Pacífico Barbosa (ABREU *apud* BARBOSA, p. 29, 2007).

Relacionado a leituras eruditas, chamadas Belas-Letras – o termo relativo ao que era considerado literário, na época – voltava-se para um conjunto amplo, como Barbosa explicita:

A rigor, até o fim do século XIX o que parece ser Literatura são textos que mantém a perspectiva horaciana de instruir e deleitar. Nesta concepção, o termo englobava a eloquência, a poesia, a história, a crítica e também as ciências. Isso talvez justifique o fato de que na coluna Literatura de muitos jornais, principalmente até a década de 70, raramente encontrar-se um poema ou algum gênero que hoje tomamos como tal. Quando encontramos, eles servem principalmente a esse caráter formador, científico, educativo, de crítica ou notícia, das Belas-letras, enfim [...] (BARBOSA, 2007, p. 30).

Ao inscrever em sua primeira edição o desejo de publicar sobre “assuntos científicos, artísticos e literários [...]” (O PELICANO, 1872), o termo “literário” no

Malcher, Frutuoso Guimarães e João Maria de Moraes, criou, em 1857, o Partido Liberal do Pará, pelo qual viria a eleger-se e reeleger-se como deputado provincial (o sr. Assis viria a ser eleito como deputado geral pela província do Mato Grosso em 1866). Sendo um membro da sociedade maçônica, fundou a loja Firmeza e Humanidade na década de 1870 e o periódico maçônico *O Pelicano* em 1872. Em 1876, fundaria *A Província do Pará*, ao lado de seu amigo e colaborador ocasional d'*O Pelicano*, Antônio José de Lemos.

periódico maçônico referenciará as produções consideradas no campo da “Literatura”, como a própria redação enfatizara em sua apresentação, onde verificam-se distintos escritos inseridos nessa temática.

Dessa forma, este artigo investiga e analisa de que forma a questão literária, no que tange à sua produção ou circulação de assuntos relacionados ao termo, esteve presente no periódico maçônico oitocentista.

2. A PRESENÇA LITERÁRIA NO JORNAL MAÇÔNICO

Logo nos primeiros anos de publicação d’*O Pelicano* houve a presença de diversos textos na seção denominada *Litteratura*, dentre eles poemas e canções que versavam sobre os benefícios da maçonaria, tais como o intitulado *Hymno maçônico*:

Quem de Christo as leis seguindo/Tem por guia a caridade,/Merece por c’rôas sempre/As bençãos da humanidade./A maçonaria/Tem essa missão/O mundo alumia/Co’a luz da razão/Quem as raças diferentes/Aperta no mesmo laço,/Recebe em vida na terra/Da crença o fervente braço!/A maçonaria, etc./E’ nobre da ignorancia/Quebrar o negro grilhão/Dando conforto á pobreza,/Liberdade á escravidão!/A maçonaria, etc./E’ santo e nobre na terra/Praticar do Christo as leis/No mesmo abraço igualando/Pobres, icos, povo e reis!/A maçonaria, etc. (O PELICANO, 1872).

Essas canções e poemas também eram utilizados para criticar os jesuítas, que representavam o objeto de combate do jornal no texto⁷, como em *Á facção jesuítica*: “Tem feito taes maravilhas/ Affectando muita ternura,/ Essa seita da impostura/ Composta de olandilhas,/ Seguindo doutrina dos pilhas/ Na rapina, sempre prompta,/

⁷ Na década de 1870, a Igreja e a Maçonaria travaram um intenso embate na chamada Questão Religiosa. *O Pelicano* publicou inúmeros artigos críticos ao Bispo do Pará, Dom Macedo Costa, contrário à presença de maçons na Igreja e grande censor nos assuntos relativos à instituição dos pedreiros-livres. Como uma de suas práticas foi o evangelismo e a catequese de índios, o Bispo e seus seguidores foram nomeados de ‘jesuítas’ pelos redatores do jornal maçônico, alimentando intensos debates a respeito das ações e deliberações do representante católico.

Todos os preceitos affronta/ Com ambição infinita/ Hindo com força maldita/ Do mundo tomando conta.” (O PELICANO, 1872).

A folha também publicou a seção *Folhetim*, reconhecida por ser um dos principais meios em que o gênero romance se popularizou nos jornais. Essa seção, porém, em *O Pelicano*, abrigou narrativas que não possuem as características do romance de folhetim, mas que tiveram destaque em várias edições do impresso.

Três publicações estão presentes na seção *Folhetim*: “O Jesuíta”, escrita pelo Padre ***⁸; “Roma perante o século XIX ou Ideias do mundo progressista”, a qual não possui autoria; e “Páginas soltas”, que na verdade eram fragmentos da segunda parte do livro escrito por Guilherme Dias, referido pelo jornal como um “sacerdote de Christo”. A primeira foi publicada nas edições de nº 12 a nº 61 em 1872, porém não foi publicado um final a essa narrativa. A segunda publicação esteve presente nas edições 02, 05, 06, 10, 16, 18, 22 e 23 do segundo ano do periódico, em 1873, e, assim como o folhetim anterior, não foi apresentado um final. E “Páginas soltas” foi publicado nas edições 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 32 e 34 do ano de 1874, apenas com os fragmentos do livro de Guilherme Dias.

Também foi presenciada a assiduidade de textos ensaísticos emissores de opinião acerca do romance ou do hábito de leitura das narrativas pertencentes ao gênero. Em sua maioria, eram textos que recomendavam a leitura de romances, por meio de notas noticiosas na seção *Assumptos diversos*, as quais informavam sobre os lançamentos. Podemos, por meio dessas notas, verificar que o jornal defende a leitura, mas preocupa-se mais com a divulgação e defesa da leitura de livros de caráter científico, o que é compreensível, tendo em vista que a própria sociedade maçônica defendia o esclarecimento do indivíduo e a busca pela verdade científica.

Outro traço notável destes articulistas emissores de opiniões é o anonimato que permeia a maioria deles. Majoritariamente, todo o conteúdo do jornal não possuía

⁸ O nome do autor encontra-se grafado com asteriscos no jornal *O Pelicano*, em todas as assinaturas de sua narrativa.

autoria definida, o que era uma prática comum da época, junto da utilização de pseudônimos. Porém, essa não era uma prática exclusiva do jornal aqui estudado, mas da maioria dos periódicos que circulavam na metade do século XIX, e o porquê desta estrutura é ressaltado por Socorro Pacífico Barbosa em *Jornal e literatura: a imprensa brasileira no século XIX*:

Vários foram os motivos pelos quais os escritores, tanto aqueles desconhecidos, que contribuíram com a imprensa, como os famosos, utilizaram-se desta estratégia. (...) Uma das razões, a mais óbvia talvez, diz respeito à necessidade de proteção, seja da autoridade, seja da reputação, ou até mesmo, no caso das mulheres, de algum pai ou marido ciumento. Por isso o uso mais sistemático do artifício encontra-se em escritos amorosos, políticos, em debates e contendas pessoais. (BARBOSA, 2007, p. 33).

Como palco de embates religiosos e políticos, *O Pelicano* abrigou, em todo o seu período de circulação, diferentes artigos sem assinatura, os quais não podem ser diretamente atribuídos ao editorial do jornal, pelo fato de alguns divergirem quanto à prática de leitura de romances.

É o caso de uma carta-recomendação, única publicação com assinatura reconhecida, "A sabedoria applicada", publicada em 6 de outubro de 1872. Assinada pelo advogado Raymundo Castello-Branco, o escrito tem o propósito de reafirmar como o comportamento daquele "que procura o bem" deve ser, e, enquanto o faz, critica veementemente as narrativas romanescas:

(...) A litteratura de romances devia ser proscripta; Mas, fatalmente agrada tanto, que alguns moralistas tem adoptado o seu genero, para serem lidos. Rousseau cita o exemplo d'uma moça, que quasi enlouqueceu de paixão pelas perfeições de Telemaco. Um medico notavel fez a seguinte advertencia: 'A moça lê romances aos 11 annos, terá ataques de nervos aos 20.' O senso commum repelle o romance. De mil poetas se tira um, que póde ser lido. (...). (O PELICANO, 1872).

A sabedoria applicada destaca-se dos demais textos compilados por esta pesquisa não apenas pelo seu caráter difamatório em relação à leitura dos romances,

mas também por possuir autoria. Isto nos leva a especular o motivo de ele ser o único com esta forma e se isso está relacionado ao seu posicionamento, considerando-se que o autor teve uma influência notável dentro do periódico, já que publicara outros textos nele. Além disso, seus feitos jurídicos são citados em uma nota na 27ª edição do primeiro ano de publicação do jornal, veiculada na seção *Noticiário*:

Absolvição — A sentença d'absolvição, que o sr. Tenente coronel Francisco Antonio de Souza Camisão teve do conselho de guerra nesta capital, foi unanimemente confirmada pelo Supremo Conselho militar de justiça da còrte. Parabens ao nosso respeitavel amigo, e ao seu illustre e esforçado advogado, o sr. Dr. Raymundo Borges Leal Castello-Branco. Congratulamo-nos, por este successo, com uma das nossas [ilegível]. (O PELICANO, 1872).

Logo, podemos especular que a sua presença n'*O Pelicano* esteja mais relacionada à imagem e à importância ligada ao seu nome do que aos seus posicionamentos ideológicos, e que por isso seu nome não integra o conjunto de artigos escritos sob o anonimato, padrão presente no jornal.

Os demais artigos sobre a leitura ou circulação de romances presenciados na folha foram elogiosos — em sua maioria, notas sobre lançamentos ou recebimentos de livros, como podemos observar na nota “A vida infernal”, publicada na seção *Assumptos diversos*:

Vida Infernal.

— É este o titulo de um lindo romance do festejado sr. E. Gaboriau.

Obsequiado com a remessa da primeira e segunda parte deste importante livrinho, que se dignou fazer-nos o sr. B. L. Garnier, temos a satisfação de, agradecendo mais esta offerta noticiarmos aos amantes de litteratura mais este precioso trabalho, onde se acham reunidos o util e o agradável.

A leitura da — Vida Infernal — proporcionará aos que empregam as horas do repouso no cultivo do espirito, lições aproveitaveis com as quaes se adquirem sempre resultados proveitosos na vida social. (O PELICANO, 1873).

Émile Gaboriau (1832-1873) foi um escritor francês, autor de ficção policial. O título *La Vie Infernale*, primeira publicação em 1870, fora traduzido para *Vida Infernal* e tem data de publicação em língua portuguesa no ano de 1875. O romance foi publicado no Brasil na seção *Folhetim* em 1873, no periódico *Correio Paulistano* (1834-2007). De acordo com Sílvia Aparecida José e Silva, o autor obteve grande popularidade em sua época e seu nome também foi presenciado em grande quantidade em anúncios de jornais (SILVA, 2019).

Outra nota merecedora de destaque também foi publicada na seção *Assumptos diversos* da 106ª edição do primeiro ano d'*O Pelicano*, na qual o autor cita alguns títulos que sofreram a condenação da “célebre congregação do Index” (O PELICANO, 1872). Após citar os nomes e os autores das obras, o jornal demonstra sua real posição diante do decreto da congregação do Index, e incentiva a leitura dessas mesmas obras pelos seus leitores:

Boa recommendação.

— A celebre congregação do Index acaba de decretar a condemnação das seguintes obras:

“Boissonnade (J.A.) A Biblia desvelada, Paris 1871.

Figuier (Luiz) — O dia seguinte ao da morte ou a vida futura segundo a sciencia, 1a, Paris 1872.

Maugin (Arthur) — O homem e o animal, obra illustrada com 120 gravuras, Paris 1872.

Ormaniau (P.M.) — Os direitos civis e a liberdade religiosa dos catholicos. Roma, impresa romana de C. Bartoli. 1872.”

Isto quer dizer que a congregação do Index, não podia melhor recommendar á leitura dos fieis estas obras.

Ninguém ignora, com pesar dizemos, o estado de aviltamento a que a ambição da curia tem arrastado estes e semelhantes decretos.

Por todos é hoje considerada a condemnação dessa grei, como o mais honroso attestado que se possa obter.

Continuem, que quanto peor melhor. (O PELICANO, 1872).

O artigo demonstra, no excerto acima, um apoio tanto à busca por quanto ao conhecimento científico (já que as obras citadas possuem cunho científico-filosófico).

A prosa de ficção romanesca foi também apoiada pelo jornal, como podemos observar na notícia publicada na mesma seção, citada acima, a qual anunciava a publicação no jornal do romance *Páginas soltas*, de Guilherme Dias:

Folhetim — Sob este título principiamos hoje a publicar *Páginas soltas*, que faz a segunda parte de um livro há pouco saído dos prelos da tipografia do sr. Laemmert, trabalho do erudito sacerdote de Christo, Guilherme Dias, o autor afamado das cartas ao sr. bispo do Rio Grande do Sul. Para essa leitura chamamos a atenção dos nossos assinantes.

Cada capítulo das *Páginas soltas* é uma fotografia fiel dos homens que se intitulam o sal da terra, e, se não tivéssemos maiores conhecimentos da ilustração do padre Guilherme Dias, seriam elas bastantes para dar-nos a conhecer quanto vale o douto sacerdote, que soube repelir dignamente o jogo do fanatismo e da hipocrisia. (O PELICANO, 1874).

Reconhecendo os acontecimentos relativos às querelas entre Igreja e Maçonaria, presenciemos uma certa crítica relacionada também a outros artigos da folha maçônica, em que os redatores acusam a Igreja Católica de ser um local de atos extremistas e abusivos, principalmente quanto à questão da presença maçônica participante nas ações da Igreja.

Outro posicionamento favorável ao que fora considerado literatura pelo jornal também ocorre em *Resposta à Boa Nova*, publicado em quatro edições do periódico. Os artigos foram dirigidos para o jornal *A Boa Nova*⁹, escritos pelo Padre ***, o qual defendia a publicação do folhetim *O Jesuíta*, argumentando sobre o gênero romance ser ideal para transmitir os seus ideais, já que ele possuía uma melhor aceitação do público:

(...) Podia desempenhar esta tarefa por meio de escritos de fôrmas diversas: livros de polêmica, artigos nos periódicos, discussões de toda espécie. Outros o intentaram antes de mim; mas vi que não levou muito longe essa guerra de pena. Apontavam todas as tendências do seu partido, rebatiam, com mais ou menos

⁹ DA SILVA, Márcia do Socorro Pinheiro; DA DA SILVA, Jeniffer Yara Jesus; SALES, Germana Maria Araújo. A crítica ao romance e às leituras perniciosas: é possível ler romances?. **Revista Eletrônica Falas Breves**, v. 3, n. 3, p. 67-76, 2016.

força, alguns dos seus paradoxos; mas a Seita que se denomina “legião” ria dessas escaramuças isoladas, nas quais mal sentia os ferimentos.

Decido a entrar na luta após deles, concebi um plano arrojado. Pensei nas turbas e na forma literária que mais lhe agrada, que a do romance, e publiquei *O Maldito* e *A Freira*.

Sendo o senhor também autor de certos romances, entre os quais figura *A mulher honrada*, não pode incriminar-me por ter recorrido a um gênero de literatura.

Fui claro, vigoroso e incisivo. Cravei e recravei o escalpelo nas feridas que fazia. Despiedado para com as suas doutrinas loucas, expul-as em toda a sua vergonhosa nudez, e fiz, por assim dizer, com que se tornassem palpáveis: e o grito de dor, solto pelos seus correligionários, e que mesmo ao senhor arranquei, provaram-me que sondará bem profundamente a chaga do catolicismo, e que descarregara mui certos golpes. (*O PELICANO*, 1872).

O autor cita que, para defender o que acredita e fazer com que seus escritos sejam reconhecidos, o gênero que mais atrairia leitores seria o romance, reconhecendo nele sua popularidade e poder de provocação, tanto do público leitor como dos críticos. Não foram reconhecidos, até o presente momento, os títulos citados, pois inexistem evidências de suas publicações ou sobre os temas que trataram. Porém, por meio do trecho acima, acreditamos que esses contenham severas críticas ao catolicismo, e por isso mesmo talvez tenha sido alvo de debates entre o periódico maçônico e *A Boa Nova*.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a abrangência do que poderia ser considerado Literatura durante os séculos XVIII e XIX, o termo possuía um significado diferente do contemporâneo, podendo até ser utilizado para narrar assuntos passíveis de serem caracterizados como científicos e filosóficos atualmente, pois, nesse período, segundo Márcia Abreu, “[...] literatura era *conhecimento* e não um conjunto de textos [...]” (ABREU, 2003b, p. 15), assim, podemos classificar as colunas científicas e demais artigos dos periódicos pertencentes aos assuntos relacionados à literatura na época e investigar de que maneira esteve presente em jornais doutrinários, como *O Pelicano*.

A questão literária no jornal maçônico foi trazida à tona em pequenas doses, sendo tratada em abordagens diversas. O periódico trouxe textos que talvez encorajassem a leitura deste gênero novo, seja pelo anúncio de novos lançamentos (vide *A vida infernal*) ou por meio de uma postura que a apoiasse plenamente (vide *Boa recomendação*). Além disso, houve também a publicação, na seção *Folhetim*, de algumas narrativas, tais como *O Jesuíta*, *Roma perante o século XIX* ou *Ideias do mundo progressista* e *Páginas Soltas*, além de poemas e canções maçônicas. Cabe destacar que houve a presença de apenas um texto que condenasse a leitura de romances plenamente (vide *A sabedoria aplicada*), a qual divergiu da postura liberal e cientificista do jornal. A presença desse texto, no entanto, não intentou definir a postura principal do periódico, já que os demais artigos emissores de opiniões encontrados nesta pesquisa possuíam posicionamento favorável ao novo gênero.

Logo, ao discutir sobre literatura, incorporando nas discussões características do período sobre o tema, o jornal manteve-se fiel aos seus objetivos, divulgando e publicando acerca das produções consideradas literárias. Em relação ao gênero romance, o periódico o enfatizou significativamente, na maioria das vezes demonstrando, também, enorme apreço pela verdade científica e a busca pelo conhecimento por meio das diferentes manifestações artísticas, uma delas sendo o romance.

REFERÊNCIAS

A BOA NOVA. Belém: Tipografia A Estrella do Norte, 1872.

O PELICANO. Belém: Tipografia do Futuro, 1872 - 1874.

ABREU, Márcia. *Os Caminhos dos Livros*. São Paulo: Mercado de Letras/ Fapesp, 2003a.

_____. Letras, belas-letas, boas letras. In BOLOGNINI, Carmen Zink (org.). *História da literatura: o discurso fundador*. São Paulo: Fapesp, 2003b.

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. *Jornal e literatura: a imprensa brasileira no século XIX*. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

MONTEIRO, Octávio. *Dom Vital, a questão religiosa no Brasil e a maçonaria*. Disponível em: <http://www.montfort.org.br/bra/veritas/historia/dom_vital1/>. Acesso em: 15 fev. 2019.

SILVA, Sílvia Aparecida José e. *Lugares e Caminhos do Romance em Campinas (1870 - 1880)*. Disponível em: <<http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/index.htm>>. Acesso em: 15 fev. 2019.

Recebido em: 10/03/2019

Aceito em: 07/04/2019